
CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTA AMÉLIA – UNISECAL

FABIO DA SILVA

**#DEIXAELATRABALHAR: UMA ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA
LOCAL DO EPISÓDIO DE ASSÉDIO DA ASSESSORA BIANCA MACHADO**

**PONTA GROSSA
2020**

FABIO DA SILVA

#DEIXAELATRABALHAR: UMA ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA LOCAL DO EPISÓDIO DE ASSÉDIO DA ASSESSORA BIANCA MACHADO

Artigo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como critério parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação no curso de Jornalismo do Centro Universitário Santa Amélia – UniSecal.

Doutora em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do curso de Jornalismo do Centro Universitário Santa Amélia – UniSecal, Giovana Montes Celinski.

PONTA GROSSA

2020

FABIO DA SILVA

#DEIXAELATRABALHAR: UMA ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA LOCAL DO EPISÓDIO DE ASSÉDIO DA ASSESSORA BIANCA MACHADO

Artigo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como critério parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação no curso de Jornalismo do Centro Universitário Santa Amélia – UniSecal.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Giovana Montes Celinski
Centro Universitário Santa Amélia - UNISECAL.

Prof. Maria Fernanda Cordeiro
Centro Universitário Santa Amélia - UNISECAL.

Prof. Dr. Rafael Kondlatsch
Centro Universitário Santa Amélia - UNISECAL.

AGRADECIMENTOS

Esse sonho de menino reservense, de um dia ter a chance de se formar e se tornar jornalista jamais seria possível sem o apoio dessas pessoas tão especiais e maravilhosas que estiveram comigo nessa caminhada, sempre me apoiaram em todos os momentos de dificuldade.

A eterna Turma do Fundão, que está imortalizada em meu coração. Hurlan, Isabel, Ciriane, Elder, Diego, Mateus e Larissa, os dois últimos infelizmente não estão juntos no final desta jornada.

Com essa turma certamente foi onde encontrei força e apoio pra chegar até aqui, todos são especiais para mim. Mas não posso deixar de fazer uma parte ao Hurlan e a Ciriane.

Ele que em alguns momentos onde eu estava perdido me mostrou o caminho. E ela, um carinho de irmão e que foi parceira de todas as horas, não só na faculdade, como na vida.

A todos os professores dessa jornada, Helton, Igor, Rafael, Mônica, Navarro, Ligiane, Maria Fernanda e em especial a professora Giovana, que se não fosse à ajuda dela, eu não teria conseguido finalizar esta pesquisa. Ela foi um porto seguro nessa reta final onde puder atracar meu barco com serenidade.

E por fim, as duas pessoas mais especiais da minha vida, meu pai e minha mãe. Só eles e eu sabemos por tudo o que passamos e com toda a certeza essa vitória não é só minha, mas deles também. Muito obrigado.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 JORNALISMO ESPORTIVO E O FUTEBOL.....	8
2.1 A mulher no Jornalismo Esportivo	9
3 GÊNERO	11
4 O ASSÉDIO MORAL, SEXUAL E VIRTUAL	12
5 O MOVIMENTO #DEIXAELATRABALHAR	13
6 METODOLOGIA.....	15
7 ANÁLISE DO OBJETO DE ESTUDO	18
7.1 O preconceito inserido no meio do Jornalismo Esportivo	18
7.2 A Representatividade da mulher no Jornalismo Esportivo	20
7.3 A estrutura e o conteúdo noticioso das matérias analisadas	21
7.4 O assédio e sua marca negativa	23
7.5 Análise da entrevista com Bianca Machado	24
8 Considerações Finais.....	27
REFERÊNCIAS.....	28

#DEIXAELATRABALHAR: UMA ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA LOCAL DO EPISÓDIO DE ASSÉDIO DA ASSESSORA BIANCA MACHADO

SILVA, Fabio ¹ (UniSecal)
CELINSKI, Giovana Montes ² (Orientadora)

Resumo: Este trabalho buscou compreender os desdobramentos do movimento #DeixaElaTrabalhar, assim como analisar a cobertura midiática do episódio de assédio da assessora do clube Operário Ferroviário de Ponta Grossa, Bianca Machado, durante partida do Campeonato Paranaense no ano de 2018. Teve-se como objetivo investigar como o jornalismo esportivo abordou tal fato, considerando que se trata de uma editoria predominantemente masculina. Foi utilizada como ferramenta metodológica a análise de conteúdo, assim como foi realizada uma entrevista em profundidade com a jornalista envolvida no caso. O referencial teórico do trabalho apresenta uma investigação sobre o conceito de assédio e discussões sobre assuntos relevantes para a pesquisa, como jornalismo esportivo, mulheres no futebol e gênero.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo, Jornalismo e Gênero, Assessoria da Imprensa, Assédio.

#DEIXAELATRABALHAR: AN ANALYSIS OF THE JOURNALISTIC LOCAL COVERAGE OF THE HARASSMENT EPISODE OF ASSESSOR BIANCA MACHADO

Abstract: This work sought to understand the developments of the #DeixaElaTrabalhar movement, as well as to analyze the media coverage of the harassment episode of the advisor of the Operário Ferroviário de Ponta Grossa club, Bianca Machado, during the 2018 Paranaense Championship match. Its objective was to investigate how sports journalism approached this fact, considering that it is a predominantly male editorial. Content analysis was used as a methodological tool, as well as an in-depth interview with the journalist involved in the case. The theoretical reference of the work presents an investigation on the concept of harassment and discussions on subjects relevant to the research, such as sports journalism, women in football and gender.

Keywords: Sports Journalism, Journalism and Gender, Press Office, Harassment.

1 INTRODUÇÃO

Desde que Narcisa Amália de Campos se profissionalizou jornalista no Brasil em 1884, as mulheres buscam seu espaço nas mais diversas editorias. Na esportiva, uma área predominantemente masculina, as dificuldades são maiores (COELHO, 2003). Para o autor, “talvez não tenha profissão tão cheia de intempéries, o profissional enfrenta o preconceito dos próprios colegas [...] e também do público” (COELHO, 2003, p.121). Ao considerar esse contexto, este artigo buscou investigar as dificuldades enfrentadas pelas jornalistas nesse ambiente.

¹ Acadêmico do 8º período do curso de Comunicação Social – com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário Santa Amélia (UniSecal), fabiogremio88@gmail.com

² Doutora em Comunicação e Linguagens e professora do curso de Comunicação Social – com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário Santa Amélia (UniSecal), gmontes_00@yahoo.com.br

Em 26 de março de 2018, em busca por igualdade de gênero, começou um dos capítulos mais importantes dessa luta, no qual 52 jornalistas ligadas ao esporte, inconformadas com os casos de assédio na área, uniram forças. A repórter do *Esporte Interativo*, Bruna Dealtry, sofreu um caso de assédio durante a cobertura de uma partida do Vasco da Gama, quando um torcedor vascaíno tentou beijá-la à força enquanto ela fazia uma entrada ao vivo. O caso repercutiu nacional e internacionalmente. A partir de tal cena, a jornalista idealizou o movimento #DeixaElaTrabalhar (ROSSI, 2018).

No mesmo período, um caso similar aconteceu com Bianca Machado, assessora de imprensa da equipe de futebol ponta-grossense Operário Ferroviário. O fato aconteceu na cidade de Irati, enquanto Machado organizava uma entrevista coletiva com o técnico da equipe visitante, Gerson Gusmão. Ela foi alvo dos mais diferentes insultos por parte de torcedores do clube local.

Ao considerar esse contexto de surgimento do movimento #DeixaElaTrabalhar, este trabalho buscou investigar a cobertura jornalística local do episódio na cidade de Irati, assim como, a partir da realização de uma entrevista em profundidade com a assessora Bianca Machado, apreender os desdobramentos do episódio na contemporaneidade. A perspectiva metodológica utilizada para a coleta e análise dos dados foi a análise de conteúdo. Bardin (1977) descreve essa perspectiva metodológica como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

Para a autora, a finalidade do método é, por meio de indicadores, esclarecer as especificidades do objeto de estudo analisado (BARDIN, 1977). Desta forma, essa perspectiva metodológica buscou auxiliar na análise da cobertura que a mídia local realizou do caso, assim como na análise dos dados coletados na entrevista em profundidade com a assessora Bianca Machado.

É notório que as mulheres têm hoje um espaço maior e obtiveram grande vitória em suas lutas por igualdade nos mais diversos campos de atuação. Entretanto, seus desafios se tornam cada vez maiores porque elas ainda passam

por batalhas diárias, como situações de assédio e casos de feminicídio, ainda mais em um mercado de trabalho com uma esmagadora maioria masculina.

Freire (2017) explica:

Embora tenha alcançado algumas conquistas, a atuação da mulher em diversos âmbitos, principalmente no profissional, ainda é motivo de luta, discussões, discriminação e preconceito. Dentro do jornalismo não é diferente, ainda mais quando a mulher ocupa o cargo onde há prevalência masculina, como no jornalismo esportivo (FREIRE, 2017, p.4).

Com o objetivo de compreender os fatos relacionados ao movimento #DeixaElaTrabalhar, serão analisadas quatro reportagens regionais que deram destaque ao caso de assédio de Bianca Machado dentro do estádio de futebol, investigando o tratamento que cada uma delas deu ao episódio.

A fim de compreender a situação e os desafios da mulher como profissional que atua na área do jornalismo esportivo, no próximo tópico se inicia a apresentação do referencial teórico deste trabalho, com o objetivo de propiciar uma discussão aprofundada sobre o objeto de estudo desta pesquisa.

2 JORNALISMO ESPORTIVO E O FUTEBOL

No meio do jornalismo especializado, uma das áreas que por vezes mexe com o sentimento do seu leitor é o espaço destinado ao esporte. Coelho (2004) cita em sua obra a frase de Neil Simom: “O esporte é o único tipo de entretenimento em que não importa quantas vezes você assista, continua sem saber o final”. No Brasil, os primeiros passos no campo do Jornalismo Esportivo, segundo Coelho (2004), foram dados no ano de 1910 pelo jornal *Fanfulla*. Do começo do século até o presente momento, o jornalismo esportivo se modificou, como explica o autor:

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e, conseqüentemente, ler não constava de nenhuma lista de prioridades (COELHO, 2004, p. 17).

Coelho (2004) ainda aponta que os jornais esportivos apareciam e desapareciam com muita rapidez durante esse período. Neste início, o jornalismo esportivo se dedicava a um apanhado geral do esporte e das práticas esportivas.

Nesse momento, o futebol não era o fenômeno que se tornou hoje. Remo era o esporte que gerava mais curiosidade e rivalidade entre clubes, por isso alguns dos principais times de futebol do Rio de Janeiro, Botafogo, Flamengo e Vasco da Gama têm regatas em seus nomes.

Para Coelho (2004), só em meados da década de 1960 é que o jornalismo esportivo começa a tomar um novo rumo:

Os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais. Ou melhor: em São Paulo, surgiu o Caderno de Esportes, que originou o Jornal da Tarde, uma das mais importantes experiências de grandes reportagens do jornalismo brasileiro. Dessa época para cá, os principais jornais de São Paulo e do Rio lançaram cadernos esportivos e deles se desfizeram como se tratasse de objeto supérfluo (COELHO, 2004, p. 19).

Após esse período e com a conquista do bicampeonato mundial da Seleção Brasileira, o futebol começa a tomar conta do noticiário esportivo, fato este que até hoje permanece, pois o esporte tem visibilidade na maior parte do tempo nos programas esportivos e debates acalorados nas principais emissoras de televisão.

Na atualidade, os programas esportivos tomaram grande parte da grade das televisões brasileiras. Falar sobre futebol, transmissões de jogos, pré-jogo, pós-jogo, entradas ao vivo requer uma grande quantidade de profissionais capacitados a passar tal informação. Com tanta demanda de profissionais, é preciso entender o porquê de o espaço feminino ainda ser tão restrito nessa área e cheio de desafios. Com essas observações é que seguimos para o próximo tópico deste estudo, que trata da presença feminina no campo do Jornalismo Esportivo.

2.1 A mulher no Jornalismo Esportivo

O espaço da mulher no jornalismo esportivo é relativamente novo, poucos são os recortes e estudos que falam do tema, que por muito tempo foi dominado apenas por homens. Em alguns artigos e pesquisas exploratórias é que podem ser encontradas informações relacionadas ao assunto.

As mulheres na contemporaneidade têm lugar de destaque como profissionais nas redações de diferentes editorias espalhadas pelo Brasil. Porém, na esportiva esse lugar de evidência ainda é muito pouco aproveitado, talvez devido a uma herança machista, na qual repercute a ideia de que “apenas homem entende de futebol”. Em seu livro *Jornalismo Esportivo*, Coelho (2004) completa:

Sei de muita discriminação sofrida por colegas, pelo fato de serem mulheres. E não só na editoria de esporte. Em todas. A discriminação por sexo, infelizmente, é uma realidade no Brasil. E pode ser sentida em todo lugar. Imagino que as editorias de Esporte também sofram desse mal. Porém, hoje em dia, a maioria dos homens se sente na obrigação de, pelo menos, disfarçar muito bem os preconceitos que possam ter (COELHO, 2004, p. 25).

Mas o porquê da mulher sofrer tanto para poder fazer seu trabalho com dignidade? Será que ela seguirá sofrendo insultos, piadinhas fora de contexto durante um evento, ou uma resposta atravessada pelo simples fato de ser do sexo oposto ou pela frase ultrapassada que ainda persiste “mulher não entende de futebol”? Ou será que o preconceito faz parte de um contexto mais amplo da própria sociedade, onde homens são maioria em ginásios ou estádios?

A partir da década de 2000, as profissionais do campo jornalístico conquistam um espaço maior em meio à cobertura do futebol e dos esportes. Elas começaram gradativamente, com pequenas participações, até chegarem a um lugar que era exclusivo de homens. Um dos exemplos mais concretos é Renata Fan, que há mais de 10 anos apresenta ininterruptamente o “Jogo Aberto”, um dos programas esportivos de maior destaque do Brasil.

Em matéria do *Portal Imprensa*, Fan (2018, online), ao receber um Prêmio pelo seu trabalho, destacou como é difícil atuar em uma área voltada ao público masculino:

Você precisa ter um cuidado maior, tem que estudar muito, precisa estar ligada, tem que acompanhar os detalhes e precisa ser uma pessoa que busque a informação incessantemente. Quando consegue isso, você se dedica a ser uma pessoa muito bem informada, bem preparada, você alcança os seus objetivos e os resultados vêm com o trabalho.

No atual momento, a imprensa esportiva conta com uma grande parcela de apresentadoras, repórteres, comentaristas e correspondentes internacionais voltadas ao esporte. Porém, ainda há casos de abuso a tais profissionais e, a fim de enfrentar os casos de assédio e de preconceito, surgiu da união delas um movimento que será visto no próximo tópico e que é objeto de estudo dessa pesquisa.

3 GÊNERO

Por equívoco e falta de informação de muitos, gênero é atribuído apenas à forma de distinguir o sexo do indivíduo homem ou mulher. Em sua obra, Butler (2003) destaca:

Embora a unidade indiscutida da noção de “mulheres” seja frequentemente invocada para construir uma solidariedade da identidade, uma divisão se introduz no sujeito feminista por meio da distinção entre sexo e gênero. Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixa quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo (BUTLER, 2003, p.24).

Nesse sentido, para Butler (2003), o termo está relacionado aos aspectos socialmente atribuídos, ou seja, entende-se que o gênero está ligado às construções sociais e culturais. Em seu artigo, Freire (2017) cita que os gêneros são construídos através das relações sociais e que o ser humano acontece como indivíduo ao se relacionar.

Desta forma, o que é percebido em nossa sociedade está relacionado, em muitos casos, com o que cada um pode fazer apenas por ser homem ou mulher. Não se considera, nesse sentido, sua construção como indivíduo e sua capacidade de fazer a mesma coisa que o outro, sem interferência de sexo. Tal contexto deixa a mulher em situação desigual ao homem, de acordo com as ideias de Saffioti (2011):

O saldo negativo maior é das mulheres, o que não deve obnubilar a inteligência daqueles que se interessam pelo assunto da democracia. As mulheres são “amputadas”, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem (SAFFIOTI, 2011, p.35).

Neste cenário de intensa desigualdade, a sociedade machista não aceita ser inferior à mulher. Para Saffioti (2011), com seu ar de virilidade, o homem carrega o seu papel de caçador, onde falhar perto de uma mulher, tanto profissionalmente, quanto sexualmente, é motivo de sua desgraça.

Entre as mulheres, socializadas todas na ordem patriarcal de gênero, que atribui qualidades positivas aos homens e negativas, embora nem sempre, às mulheres, é pequena a proporção destas que não portam ideologias

dominantes de gênero, ou seja, poucas mulheres questionam sua inferioridade social (SAFFIOTI, 2011, p. 34).

Nesse sentido, em seu artigo Freire (2017) complementa a questão, pois acredita que a análise do gênero propõe a compreensão melhorada das relações culturais e sociais entre homem e mulher. O autor acrescenta que “[...] desta forma é preciso explicar como essas relações são construídas e o porquê são construídas desigualmente, privilegiando o sujeito de sexo masculino” (FREIRE, 2017, p. 5). Com base nessa compreensão das discussões que envolvem a noção de gênero, avançamos no debate sobre o tema, ao tratar do assédio, seus aspectos e presença no cotidiano.

4 O ASSÉDIO MORAL, SEXUAL E VIRTUAL

O assédio moral, sexual e virtual acabou se inserindo em nosso cotidiano. Tal situação pode ser incomodativa e, por vezes, deixa a vítima em situação constrangedora. O assédio está presente no ambiente de trabalho, ruas, festas, estádios, shows, parques, entre outras situações. Ele também acontece na cantada direcionada a uma mulher bonita, a uma repórter em um campo de futebol. O assédio também é a piadinha do chefe, a perseguição no trabalho ou o comentário fora de hora em uma postagem em rede social.

O assédio moral, que está relacionado com o ambiente de trabalho, é descrito por Soboll (2008) como:

O assédio moral é uma situação extrema de agressividade no trabalho, marcada por comportamentos ou omissões, repetitivos e duradouros. Tem como propósito destruir, prejudicar, anular ou excluir e é direcionado a alvos escolhidos (uma ou mais pessoas em especial). Caracteriza-se por sua natureza agressiva, processual, pessoal e mal-intencionada. Pode ter efeito de gestão disciplinar sobre o coletivo, como um resultado secundário e não como propósito final do processo de hostilização (SOBOLL, 2008, p. 21).

Para Soboll (2008), essa prática acontece dentro da empresa onde as perseguições e a violência têm como objetivo excluir a pessoa. Com isso, a empresa é plataforma para a violência e exclusão da pessoa indesejada.

Outro tipo de assédio que está atrelado ao moral, e atinge a sociedade de forma geral, é o sexual. O Ministério da Saúde, em sua cartilha *Assédio, violência e sofrimento no ambiente de trabalho* (2008), define o assédio sexual como:

Assédio sexual é toda tentativa, por parte do superior hierárquico (chefe), ou de quem detenha poder hierárquico sobre o subordinado, de obter dele favores sexuais por meio de condutas reprováveis, indesejáveis e rejeitáveis, com o uso do poder que detém, como forma de ameaça e condição de continuidade no emprego. Pode ser definido, também, como quaisquer outras manifestações agressivas de índole sexual com o intuito de prejudicar a atividade laboral da vítima, por parte de qualquer pessoa que faça parte do quadro funcional, independentemente do uso do poder hierárquico (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008, online).

Outro tipo de assédio é o virtual, no qual as vítimas são molestadas via imagens ou mensagens enviadas pelos agressores, por meio de aplicativos de conversa. Esta agressão também é crime previsto por lei. Como sociedade, é dever do cidadão combater tais práticas, de acordo com Soboll (2008).

O combate à violência é a única postura que minimiza nossa participação nesses atos e nos distancia, ao menos um pouco, de sermos igualmente violentos como aqueles que promovem, aceitam ou se omitem. O combate à violência e a promoção de relações mais saudáveis pressupõe a construção de vínculos significativos e de espaços de trabalho e de vida com sentido. E esse é um grande desafio, colocado para todos nós, como coletividade. Para enfrentá-lo precisamos sair da “normopatia”, a doença de achar que tudo isso é normal (SOBOLL, 2008, p.221).

É preciso compreender que esta violência não é normal, que se faz necessário sair do estado de conforto, que as várias faces do assédio é algo a ser combatido. Gracejos, comentários de teor sexual ou o fato de querer impor uma situação pelo simples fato do indivíduo ao qual os comentários se direcionam ser mulher é passível de penalidades estipuladas por lei.

Com base nas informações apresentadas no referencial teórico, o próximo tópico desse trabalho trata do próprio objeto de estudo, ao discorrer sobre o movimento #DeixaElaTrabalhar.

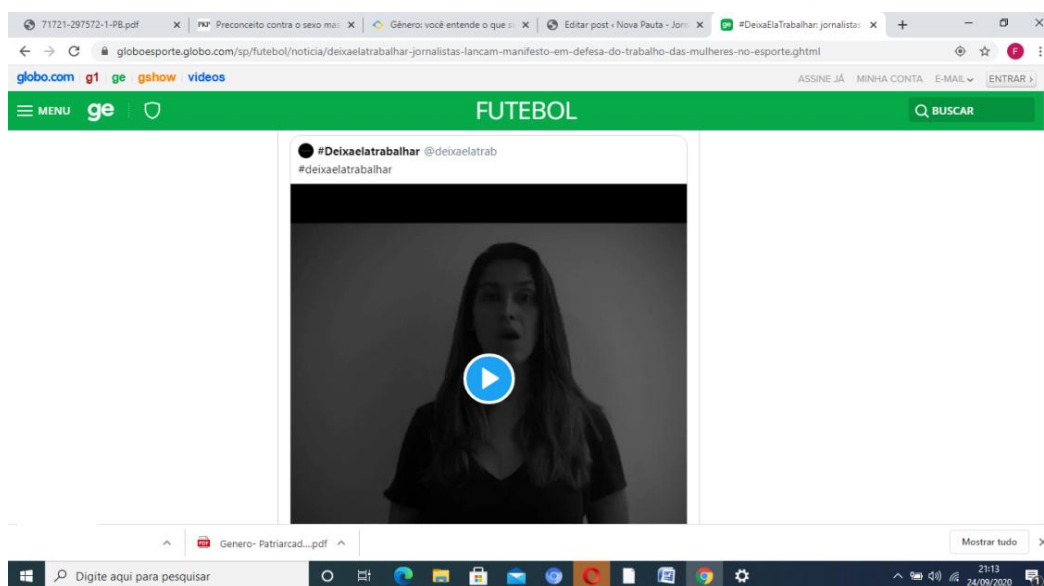
5 O MOVIMENTO #DEIXAELATRABALHAR

Uma atitude de um torcedor, ao tentar beijar uma repórter ao vivo enquanto fazia seu trabalho, foi à faísca para começar a maior mobilização feminina já vista na área esportiva brasileira: a #DeixaeElaTrabalhar. Tal movimento foi lançado com um vídeo³ em preto e branco nas principais redes sociais do país e contou com a participação de 52 jornalistas esportivas.

³ O vídeo se encontra disponível no link:

<https://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/deixaelatrabalhar-jornalistas-lancam-manifesto-em-defesa-do-trabalho-das-mulheres-no-esporte.ghtml>

Figura 1: Vídeo da campanha #DeixaElaTrabalhar



Fonte: globoesporte.com (2018)

O vídeo começa com recortes de sites e jornais onde as manchetes são dos casos de assédio sofridas pelas jornalistas que trabalham na editoria esportiva, durante o vídeo que tem duração de 02 minutos e 41 segundos. As jornalistas pedem respeito pelo seu trabalho por parte de seus chefes, colegas, torcedores, jogadores, técnicos, dizendo que as situações passadas não são “brincadeira”, e sim total falta de respeito. No dia 25 de março de 2018, em que a hashtag (#) se tornou um dos assuntos mais comentados na rede, a maioria dos clubes de futebol da Série A do Campeonato Brasileiro deram força à causa. Seus perfis oficiais reproduziram o vídeo onde as jornalistas apresentavam seu desabafo.

Bruna Dealtry, precursora do movimento, foi assediada por um torcedor da equipe do Vasco da Gama, enquanto fazia uma entrada ao vivo em uma partida da Taça Libertadores da América. A profissional (2018, online) contou ao site *Purepeople* sobre o que levou ao surgimento da #DeixaElaTrabalhar:

Isso acontece todos os dias, mas a gente não fala por vergonha ou por medo da exposição. Eu queria encorajar outras mulheres: primeiro aqui na minha redação. Fizemos um grupo, depois foram entrando meninas de outras redações e, em uma semana, eram 50 jornalistas, aproximadamente.

Na mesma entrevista à Letícia Gomes, a jornalista (2018, online) falou das dificuldades enfrentadas no seu ambiente de trabalho:

Acontece de vários tipos: na redação, em colega de trabalho. Todas nós já sofremos nas redes sociais, porque as pessoas ficam mais corajosas para falar. Ao invés de falar da matéria, falam da nossa aparência... Tem assédio e machismo de diferentes formas. Sem falar na resistência que a gente encontra para entrar nesse meio. Os homens, assessores, jogadores, colegas de trabalho, têm muito mais dificuldade em confiar no nosso trabalho do que se fosse outro homem.

A entrevista com a precursora do movimento já aponta diversas dificuldades das profissionais no ambiente esportivo. A fim de aprofundarmos a investigação sobre a representatividade feminina na editoria esportiva, no próximo tópico deste trabalho serão apresentadas as ferramentas metodológicas utilizadas na pesquisa e, em seguida, a análise dos dados coletados na mídia local e na entrevista com a assessora de imprensa Bianca Machado.

6 METODOLOGIA

Como já mencionado no tópico da Introdução, o corpus de análise desse trabalho é composto por quatro matérias de sites jornalísticos da cidade de Ponta Grossa e região dos Campos Gerais, que são: *Net Esporte Club*, *Diário dos Campos*, *A Rede* e *Globo Esporte Local*. Todos abordaram o caso de assédio de Bianca Machado, assessora de imprensa do Operário Ferroviário. As reportagens foram todas veiculadas no dia 2 de abril de 2018, um dia após o desenrolar do fato em Irati e cinco dias após o surgimento do movimento #DeixaElaTrabalhar. Seguem abaixo informações sobre as matérias analisadas, como título, veículo em que foi publicada e autor do texto:

1º matéria

Título: Assessora do Operário é vítima de assédio verbal pós-jogo em Irati.

Parte dos torcedores dirigiu palavras de incitação sexual à jornalista

Veículo: *Net Esporte Club*

Autor: Emmanuel Fornazari

2º matéria

Título: Jornalista do Operário é vítima assédio no Emílio Gomes

Veículo: *Diário dos Campos*

Autor: Redação

3º matéria

Título: Assessora do Operário pede fim do assédio e respeito às mulheres

Veículo: *A Rede*

Autor: Redação

4º matéria

Título: Vídeo mostra ofensas de torcida à assessora de imprensa do Operário-PR durante jogo

Veículo: *Globo Esporte local*

Autor: Fernando Araújo

Além disso, a fim de compreender aspectos do episódio, também foi realizada no dia 12 de outubro de 2020 uma entrevista semiestruturada por meio do aplicativo de conversas *WhatsApp* com Machado, seguindo um roteiro norteador que permitiu uma compreensão mais aprofundada do caso. Moré (2015) fala sobre as características da entrevista semiestruturada:

Entende-se que a entrevista, seja ela em profundidade, seja semiestruturada, no contexto da pesquisa qualitativa, respeitando as devidas adequações para o contexto individual e grupal, junto à observação do participante de campo constituem-se nos dois principais instrumentos de coleta de dados, visto que permitem trazer à tona informações de ângulos diferentes tanto do contexto, como sobre o fenômeno investigado, o que permite a melhor compreensão e integralização dos dados quando da ocasião do seu processo de análise. Nesse sentido, considera-se a utilização de ambos (a entrevista e a observação) como uma combinação necessária, visando à melhor contextualização dos dados (MORE, 2015, p.128).

Acredita-se que esta conversação possa auxiliar na compreensão dos desdobramentos do movimento, assim como na análise dos dados coletados nos veículos noticiosos. O roteiro da entrevista apresentou a seguinte estrutura:

1) Antes da situação que ocorreu, em Irati, você já tinha passado por algo similar?

2) Sobre o movimento #DeixaElaTrabalhar, qual a sua opinião sobre ele antes e depois do acontecimento em Irati? Para você, qual a contribuição do

movimento para as mulheres que trabalham no campo do jornalismo esportivo?

3) Sobre o movimento, você acha que promoveu mudanças na realização do seu trabalho?

4) Como você acha que a mídia local tratou a situação que você passou em Irati? Na sua opinião, os jornais locais deram o devido espaço ao tema, ou a visibilidade foi pequena para um assunto tão grave?

5) Você acha que ainda há muito machismo e preconceito no jornalismo esportivo, mais do que em outras editorias jornalísticas?

6) O que você sentiu no momento dos ataques verbais dos torcedores?

7) Na sua opinião, a mídia local dá espaço às mulheres para atuação na editoria esportiva?

8) E depois de se passar alguns anos, as mídias locais ainda relembram o seu caso, ou procuram você para falar do tema para uma maior compreensão do assunto para os leitores?

O referente estudo utilizou como perspectiva metodológica a análise de conteúdo para a análise dos dados coletados nas reportagens e na entrevista. Bardin (1979) conta que a Análise de Conteúdo é um instrumento de análise de comunicações. “É seguir passo a passo o crescimento quantitativo e a diversificação qualitativa das técnicas classificadas sob a designação genérica de Análise de Conteúdo” (BARDIN, 1979, p.13).

Ao considerar os objetivos da pesquisa e a perspectiva metodológica adotada, assim como as etapas de realização de uma análise de conteúdo, foram estipuladas as seguintes categorias de análise:

Preconceito: Nessa categoria, foram investigados aspectos, elementos e informações nas reportagens e nas entrevistas referentes a essa questão. Para Dines (1996), o preconceito é referente ao julgamento prévio, sem ao menos, ouvir as partes, sem julgamento. É o que acontece hoje com as mulheres que trabalham em um meio de maioria masculina, como o caso da editoria esportiva jornalística (FREIRE, 2017).

Representatividade: Busca-se, nessa categoria, investigar a representatividade feminina na cobertura do caso nos jornais locais, assim como analisar a perspectiva de Machado (2020) sobre esse aspecto. Considera-se como

representatividade a qualidade de alguém, de um partido, de um grupo ou de um sindicato, cujo embasamento na população faz que ele possa exprimir-se verdadeiramente em seu nome. (DICI, online, 2020)

Conteúdo: Nessa categoria, teve-se como objetivo analisar as informações contidas nas reportagens sobre o caso, assim como a estrutura das matérias, a abordagem utilizada, o uso de fontes e de recursos complementares ao texto (fotografia, recursos audiovisuais, uso de links externos).

Assédio: Buscou-se, nessa categoria, investigar como a situação é tratada nas matérias, assim como a própria perspectiva da entrevistada sobre o assunto.

A partir dessas categorias previamente formuladas e acima elencadas, partiremos no tópico seguinte para a análise do objeto de estudo.

7 ANÁLISE DO OBJETO DE ESTUDO

Após o desenvolvimento do referencial teórico e da metodologia desta pesquisa, será apresentada a análise das quatro matérias dos sites de notícias selecionados pelo autor deste trabalho. O tratamento dos dados foi estruturado a partir das respectivas categorias de análise estipuladas para este estudo: Preconceito, Assédio, Conteúdo e Representatividade. Também trataremos nesse tópico da entrevista realizada com Bianca Machado, assessora de imprensa do Operário Ferroviário.

7.1 O preconceito inserido no meio do Jornalismo Esportivo

Em relação ao preconceito, não foi mencionada em nenhum momento a palavra em qualquer uma das quatro matérias selecionadas para análise, mas se observou, por meio das informações disponibilizadas nas reportagens, que há um preconceito estampado em meio ao episódio pelo qual Bianca Machado passou.

Na matéria do *Net Esporte Club*, o caso foi tratado negativamente a partir de uma abordagem opinativa, como uma situação que não pode ser concebida. Percebeu-se uma insatisfação do site com os acontecimentos, principalmente por ter ocorrido em um momento em que a profissional estava buscando seu espaço e valorização no meio esportivo nacional.

Notou-se, no texto, que Machado sofreu preconceito não só por ser mulher, mas também por estar em um meio que por vezes tem em sua maioria homens dentro e fora de campo. O site também transcreveu uma nota de repúdio à situação,

entendendo que a profissional estudou e é totalmente qualificada para fazer seu trabalho, dando ênfase na sua qualificação como parte-chave no processo de produção jornalística. Diferentemente da nota divulgada, no campo esportivo pode-se notar que as mulheres são deixadas de lado só pelo fato de serem do sexo oposto, e não pela sua capacidade profissional, como foi apontado por pesquisadores da área, como é o caso de Freire (2017).

No *Diário dos Campos*, a situação de preconceito vivenciada pela assessora Bianca Machado foi registrada de forma tímida, pois na matéria não há um aprofundamento do assunto, apenas um parágrafo tratou do acontecimento. A matéria apresentou ao leitor os xingamentos proferidos à Machado e um trecho do próprio relato da mesma em relação ao que aconteceu. É nesse momento de desabafo que a situação de preconceito vivenciada apareceu:

Após o episódio, ouvi de algumas pessoas: mas isso é normal, torcedor xinga mesmo'. Normal? É normal você ser ofendido enquanto trabalha? Para mim, não é normal ser hostilizada enquanto faço meu trabalho. E confesso que me senti muito fraca por não saber lidar com a situação, por não conseguir nem contar direito o que tinha acontecido comigo e por ainda ouvir que isso é normal (MACHADO, 2018, online).

O *Globo Esporte* local é o site em que se deu maior visibilidade ao acontecimento em Irati. Sem necessariamente falar explicitamente em preconceito, o veículo de notícias trouxe uma abordagem mais aprofundada sobre o assunto, remetendo-se a outros casos semelhantes ao de Machado e apresentando uma perspectiva explicativa dos fatos que aconteceram no estádio e seus desdobramentos. A passagem que auxilia na compreensão de tal situação preconceituosa é a própria fala de Machado, também fonte da matéria, que relatou ao site uma estratégia para evitar comentários maldosos: “Não é a primeira vez que escuto coisas de torcedores, mas nada na proporção do que foi ontem (domingo). Fico ouvindo o rádio com fones de ouvido e isso e se tornou uma estratégia para que eu evite escutar certas coisas” (MACHADO, 2018, online).

A *Rede*, em sua página online, deu visibilidade ao próprio texto que Machado enviou ao site para relatar a situação. Também não foi utilizada a palavra ‘preconceito’ na matéria, mas seu significado se mostrou aparente nas palavras da assessora nesse relato: “Passadas algumas horas de um dos piores episódios que já vivi nos meus poucos anos de jornalista, venho falar sobre. Porque não dá mais para aceitar, ignorar e achar que é normal e que isso faz parte da profissão”,

acrescentando no final que, “não é possível que tenhamos que desistir de trabalhar com o que gostamos e estudamos porque algumas pessoas não tem o mínimo de educação” (MACHADO, 2018, online).

Desta forma, observou-se nessa categoria uma proximidade da abordagem sobre o preconceito nos textos selecionados, faltando nas matérias um olhar mais crítico em relação à questão. Como explica Freire (2017), o preconceito ocorre de forma mais grave nessa editoria pelo fato de ser um lugar onde sua maioria é constituída pelo sexo masculino. Para buscar compreender melhor esse cenário, o tópico a seguir trata da situação da mulher na área esportiva.

7.2 A Representatividade da mulher no Jornalismo Esportivo

Freire (2017) destaca a luta da mulher no campo jornalístico para ter sua presença e representatividade na editoria esportiva local. Nesse contexto, Machado tem seu lugar de destaque, pois se tornou assessora de uma das principais equipes de futebol do interior do Paraná: o Operário Ferroviário. Mesmo com essa representatividade, ela acabou sendo vítima de uma situação de preconceito, como relatamos no tópico anterior. Ao analisar as matérias publicadas em sites jornalísticos locais, que é o objeto de estudo deste trabalho, buscamos entender como eles abordaram a representatividade da mulher na editoria esportiva.

Os quatro sites deram visibilidade ao caso, mostrando a importância de não deixar passar em branco tal situação e dando voz à Machado. Entretanto, apenas a *Net Esporte Club* e *Globo Esporte* local deram maior ênfase na representatividade da mulher no meio esportivo.

O primeiro veículo, assim como o segundo, destacaram o direito da mulher em poder trabalhar e buscar seu espaço no esporte. Eles também relataram que tal acontecimento ocorreu no mesmo período do maior movimento das mulheres profissionais do Jornalismo Esportivo em busca de respeito, de ter melhores condições de trabalho e maior representatividade: o #DeixaElaTrabalhar. As duas notícias repudiam os insultos sofridos por Machado. Percebeu-se que a profissional teve voz e apoio para combater situação tão desagradável em seu trabalho, pois ambos os sites deram espaço a profissional poder relatar os momentos de tensão que sofreu dentro do estádio.

Freire (2017) acredita que o valor da representatividade pode ser mensurado pelo grau de importância e qualidade da informação, assim como pelo diálogo

regular com os representados. Dessa forma, notou-se que todos os sites trataram o assunto com relevância, dando voz e representação ao caso de Machado. A fim de compreender como as matérias analisadas trataram de questões como o preconceito, representatividade feminina e assédio, será apresentada a seguir a análise da estrutura do conteúdo das matérias e o que cada um dos sites já mencionados se propôs a mostrar sobre o caso aos leitores.

7.3 A estrutura e o conteúdo noticioso das matérias analisadas

Nessa categoria de análise, buscou-se compreender o conteúdo das matérias analisadas. Ao observar cada material, buscou-se investigar a estrutura noticiosa utilizada por cada site para apresentar o acontecimento em Irati.

Notou-se que apenas um dos sites em questão, o *Globo Esporte* local, veiculou um material com mais aprofundamento das informações sobre o acontecimento, com o uso de foto, vídeo e hiperlink interno para outro conteúdo que remetia ao assunto da própria matéria. É possível observar mais detalhes da estrutura da matéria no *print* abaixo:

Figura 2: Vídeo da agressão Verbal



Fonte: GLOBO ESPORTE, 2018

Nesse sentido, acredita-se que essa estrutura mais complexa da informação pode possibilitar ao leitor um maior entendimento dos fatos do que aconteceu com

Machado e, também, o que estava acontecendo em relação ao tema no país. O site jornalístico entrevistou Machado, representantes da equipe do Iraty e a Polícia Militar, o que revela uma pluralidade de fontes na estrutura noticiosa.

O *Net Esporte Club* não fez uso de foto para a ilustração do fato. A matéria utilizou apenas um hiperlink externo, que direciona o leitor para um texto do Governo Federal que auxilia na compreensão do assédio como crime. O texto também tem um vídeo em seu final sobre o movimento #DeixaElaTrabalhar, que trata dos acontecimentos nacionais da época. A matéria não fez uso de outras ferramentas além das já citadas. O site deu maior ênfase ao texto, onde o autor descreve de forma informativa o caso em seu início. O final da matéria é opinativo, deixando claro o posicionamento do veículo em relação ao acontecimento.

O *Diário dos Campos*, entre as quatro matérias, foi o que deu menos visibilidade para a situação analisada. A matéria apresenta uma estrutura de nota⁴ com apenas treze linhas de texto. Dessas, oito foram destinadas à fala de Machado e cinco para informações sobre o caso. O site não utilizou fotos, vídeos, hiperlinks e outras ferramentas para que o leitor tivesse um conhecimento de maior profundidade sobre o assunto estudado.

Já *A Rede* foi o site que mais deu visibilidade à Machado, indo na contramão dos sites analisados acima. O jornal eletrônico veiculou em sua página um texto de desabafo de Machado enviado ao jornal, que apresentou ao leitor a revolta da vítima com relação ao episódio mais dolorido de sua vida profissional. *A Rede* fez uso de uma foto da vítima em seu ambiente de trabalho como elemento informativo visual. Entretanto, a matéria não apresentou vídeos ou hiperlinks em seu texto, sendo elementos que poderiam proporcionar um aprofundamento da informação. Desta forma, a estrutura da matéria se mostrou predominantemente descritiva, com ênfase no texto em que a própria vítima descreve o fato com ela ocorrido.

A partir da análise da estrutura noticiosa das matérias selecionadas, observou-se que não se vê uma uniformidade nas matérias. Cada veículo seguiu uma perspectiva diversa e, em sua maioria, com poucos elementos e ferramentas de aprofundamento da informação em seus textos. O *Globo Esporte* se mostrou como uma exceção, pois veiculou uma matéria com maior aprofundamento da informação,

⁴ Nota: é um texto jornalístico de caráter informativo. Caracteriza-se pela síntese de informações. De curta extensão (em média 15 linhas), a nota que traz informações básicas sobre o fato tratado, sem aprofundamento. (PAIXÃO, 2015, online).

utilizando fotos, vídeos e hiperlinks como estratégias para ampliar a compreensão do leitor sobre o caso.

A seguir, a análise das matérias selecionadas será finalizada com a apresentação dos dados coletados com relação à última categoria de análise desse estudo: o assédio.

7.4 O assédio e sua marca negativa

Nessa categoria, ao investigar como a situação foi tratada nos jornais e se a perspectiva da entrevistada tem visibilidade no objeto de estudo, notou-se que a palavra assédio apareceu no título de três matérias, exceto no *Globo Esporte* local, que trocou o termo 'assédio' por 'ofensas verbais'. Apesar da falta da palavra específica em seu título, o *Globo Esporte* não deixou de citar a palavra no corpo da matéria no momento em que descreveu os fatos ocorridos e quando deu voz à Machado para falar sobre a situação vivenciada.

Soboll (2008), ao apontar que tal prática tem como objetivo excluir o profissional de seu campo de atuação auxilia-nos a compreender que os xingamentos proferidos a assessora também revelam esse caráter de exclusão. As matérias analisadas neste estudo citam os xingamentos direcionados à Machado enquanto fazia seu trabalho no gramado do estádio em Irati, o que ressalta o aspecto da exclusão do assédio apontado por Soboll (2008). Entretanto, as agressões verbais tiveram visibilidade nos textos a partir da perspectiva da vítima, valorizando a representatividade da assessora de imprensa como profissional do campo jornalístico.

Como já mencionado no tópico anterior, o *Diário dos Campos*, por sua vez, reservou apenas um pequeno espaço ao episódio, ao todo 13 linhas de informação. A nota divulgada relata que Machado sofreu vários ataques verbais por parte dos torcedores locais após o término da partida. Desta forma, notou-se que também essa matéria problematiza, mesmo que superficialmente, a questão do assédio, pois todo ato de denegrir, de perseguição no ambiente de trabalho se caracteriza em assédio (SOBOLL, 2008).

Já o *Globo Esporte* local veiculou a matéria mais extensa sobre o tema, mostrando os momentos de terror que a jornalista sofreu. O site veiculou um próprio vídeo que Machado fez com sua câmera, em que são identificáveis as pessoas e as frases de baixo calão utilizadas. A divulgação do vídeo possibilitou uma nova

camada de aprofundamento na matéria, pois o leitor pôde realizar um processo de imersão na vivência de Machado e perceber em detalhes, por meio da linguagem audiovisual, a situação de assédio passada pela assessora de imprensa. A matéria do site também reforçou a união das mulheres contra ao assédio no jornalismo esportivo, ao abordar o movimento #DeixaElaTrabalhar..

O *Net Esporte Club*, por sua vez, lamentou o caso de assédio sofrido pela jornalista. O site também se mostrou solidário à assessora, através da divulgação de nota de repúdio ao caso, e se comprometendo em buscar ações para combater o assédio, como se pode observar a seguir:

A direção do *Net Esporte Clube* repudia a ação destes torcedores do Iraty, que denegriram a imagem de uma profissional que realizava o trabalho para qual é qualificada profissionalmente. O site irá realizar ações nas próximas semanas com o objetivo de valorizar a mulher e combater o assédio. (*Net Esporte Clube*, 2018, online).

A *Rede* também se mostrou solidária ao caso de assédio sofrido pela profissional. O jornal não se aprofundou no tema, disponibilizando em toda sua matéria o texto enviado pela jornalista, onde ela descreveu sua perspectiva sobre a situação vivenciada e falou dos próximos passos para o combate do crime ocorrido contra ela.

Desta forma, ao finalizar a análise das matérias selecionadas, observou-se que os veículos utilizaram abordagens distintas para tratar do caso, com relação ao conteúdo e a própria estrutura dos textos. Entretanto, mesmo que cada site tenha tratado o caso de maneira diferente, foi percebido que todas as matérias tiveram em comum a visibilidade da perspectiva de Machado em relação ao episódio.

Em nosso próximo tópico será dada continuidade à análise, pois será apresentada a análise da entrevista concedida por Bianca Machado ao pesquisador. Nesse diálogo com a jornalista, buscou-se investigar a perspectiva de Machado sobre a cobertura midiática do acontecimento de Irati. A entrevista é a parte final da análise do objeto de estudo deste trabalho.

7.5 Análise da entrevista com Bianca Machado

Esta entrevista semiestruturada foi realizada no dia 12 de outubro de 2020, por meio do aplicativo de mensagens *WhatsApp*, pelo fato de o autor não estar na cidade de origem da entrevistada e considerando o contexto da pandemia do

COVID-19, o que impossibilitou que esse encontro fosse realizado pessoalmente. Mesmo com todos esses impedimentos, os dados coletados na entrevista se mostraram ricos em informações. Esses dados nortearam o estudo na busca pela compreensão da perspectiva que Machado tem em relação ao episódio e em como ela compreende que a mídia local tratou o seu caso.

Na entrevista, Machado ressaltou que acredita que a mídia local deu grande visibilidade ao acontecimento e que ela mesma se surpreendeu com o tamanho da repercussão. Nesse sentido, observou-se a importância da mídia em tratar de temas de relevância social, como o assédio, o preconceito e a representatividade feminina. De acordo com a assessora (2018), as pessoas têm o hábito de normalizar tudo: “você está ali, tem de se acostumar ouvir ofensa de torcedor, e não é assim, todo mundo que está ali merece respeito. E com as mulheres quase sempre as ofensas tem cunho sexual, muito por causa da nossa cultura machista”. Machado se mostrou triste pelo o que aconteceu com ela, mas acredita que a repercussão serviu de exemplo para que situações semelhantes não aconteçam mais.

Em relação ao movimento #DeixaElaTrabalhar, ela acredita que foi muito válida essa união, pois trouxe um tema polêmico para o debate público, que infelizmente se trata de uma questão cultural e social. “Acredito que é algo que vai avançar, vai avançar aos poucos, mas que tem muito ainda o que caminhar, e você trazer este tema ajuda bastante para que aconteça essa mudança de pensamento e isso vai ser gradativo e demorar um pouco” (MACHADO, 2018, online).

A assessora também acredita em avanços para sua classe. “Eu acho que tivemos um avanço na questão da representatividade da mulher no jornalismo esportivo. Hoje, por exemplo, você pega a televisão e vê muitas mulheres e isso é muito importante porque é um espelho para quem quer trabalhar na área”, e acrescenta:

[...] como eu falo sempre, se você vê uma mulher ali trabalhando na área que você quer trabalhar, você acredita que pode chegar lá, mas se você apenas vê homens, aquilo acaba causando uma dificuldade, um obstáculo, poxa, será que eu consigo chegar ali onde só tem homens”.

Provocada pelo entrevistador ao falar do espaço destinado as mulheres na mídia local, Machado (2018, online) foi direta, complementando os estudos sobre representatividade feminina apresentados neste trabalho:

Hoje a gente avançou um pouquinho, tem um espaço maior para as mulheres, mas eu acho que ainda falta, falta mais representatividade, mais mulheres na cobertura esportiva, principalmente nas rádios aqui da cidade são muito poucas mulheres. E então acredito que falta uma representação maior a gente ter mulheres trabalhando nessa área, justamente porque a representatividade é importante, por que você ver mulheres ali trabalhando em uma editoria que você quer, isso serve de espelho para as mais novas, para as que querem entrar na área. Eu acredito que é preciso avançar, é preciso mais representatividade.

Questionada sobre o preconceito, Machado (2018, online) também se posicionou com relação à questão:

Existe sim muito machismo, preconceito, avançamos nos últimos anos, mas que ainda se faz presente não só no esporte, como também em outras editorias, por essa questão cultural mesmo de preconceito com a mulher, trabalhando ali no esporte, mas acredito mais uma vez que trazendo este tema para o debate, certamente avançaremos, a passos lentos, mas sou otimista em relação a isso.

Sobre o assédio, a assessora contou que se sentiu impotente no momento dos ataques, que na volta pra casa pensou em desistir por não entender o porquê de aquela situação estar acontecendo com ela.

Claro que foi uma sensação de impotência e porque estão fazendo aquilo com você. Eu estava ali trabalhando, então, por que desses ataques direcionados a mim? Foi uma situação complicada porque tinham poucos torcedores ali fazendo isso e poderia um segurança tirar eles dali, mas ninguém fez nada, por quê? É algo normalizado o torcedor ir ao estádio, falar mal, inclusive dos profissionais que estão trabalhando ali, é um comportamento que foi normalizado (MACHADO, 2018, online).

Ao fim desta entrevista, uma informação que chamou a atenção sobre os desdobramentos do episódio, fornecida pela entrevistada, é que os veículos de imprensa locais, após dois anos do caso, já não procuram Machado para falar do tema. Hoje as pessoas que a procuram são em sua maioria do meio acadêmico e de outras cidades que entram em contato para realizar entrevistas, a fim de que ela fale sobre o acontecimento. Nessa análise, desta forma, observou-se que os sites de notícias locais deram ênfase no caso apenas no momento do ocorrido e que, depois disso, foi pouco foi lembrado.

8 Considerações Finais

Após todas as leituras e coletas de dados desenvolvidas para a realização desta pesquisa, e buscando compreender os acontecimentos que sucederam com a assessora Bianca Machado na tarde de 01 de abril de 2018 na cidade de Irati, dias após a criação do movimento #DeixaElaTrabalhar, chegamos às seguintes observações:

Machado sofreu um grave ataque verbal de cunho sexual por parte de torcedores que estavam presentes no estádio, um ataque motivado pelo machismo que ainda se faz presente na cultura da sociedade. O assédio é crime previsto no Art.216 (lei nº 12,015, de 2009) e toda forma de crime dessa conotação deve ser denunciado, de acordo com a legislação, assim como fez a assessora.

Também se notou que o preconceito está muito presente nas editorias jornalísticas, porém a esportiva é onde ela sofre as maiores afrontas, de acordo com a própria entrevistada. Segundo Coelho (2004), observa-se o quanto as mulheres sofrem nessa editoria apenas pelo fato de serem mulheres. Na pesquisa, foi notado também que falta uma maior representatividade da mulher na área esportiva e que o movimento #DeixaElaTrabalhar possibilitou refletir e até mesmo, alterar, mesmo que de forma sutil, este cenário, ampliando as discussões sobre o tema.

Sobre a cobertura jornalística regional do caso, a partir das matérias analisadas para esse estudo, foi percebido que o fato teve grande repercussão na mídia local e que o assédio sofrido pela profissional foi trazido aos leitores. Desta forma, notou-se que as matérias conseguiram trazer o tema para o debate. Entretanto, a análise da cobertura jornalística revela que nenhuma das matérias analisadas é assinada por uma mulher, o que ressalta o pouco espaço que as mulheres têm no meio esportivo regional.

O estudo buscou investigar o espaço dado pela mídia local ao caso de Machado, o que pode se mostrar como um caminho para uma maior compreensão do assédio no meio esportivo e da busca de uma maior representatividade feminina no campo jornalístico.

Ao analisar a cobertura jornalística local e também a entrevista com Machado, considera-se que este trabalho pode agregar conhecimento às pesquisas que investigam a atuação da mulher na editoria esportiva, assim como os preconceitos e desafios enfrentados pelas profissionais. Por se tratar de um assunto

que começou a ser debatido nos últimos anos no cenário brasileiro, com o surgimento do movimento das jornalistas contra o machismo no meio esportivo, acredita-se que ainda há muito por explorar no campo científico de estudos sobre o Jornalismo Esportivo e representatividade feminina.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Fernando. **Vídeo mostra ofensas de torcida à assessora de imprensa do Operário-PR durante jogo**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/pr/noticia/video-mostra-ofensas-de-torcida-a-assessora-de-imprensa-do-operario-pr-durante-jogo.ghtml>. Acesso: 19 set. 2020.
- BARDIN, Laurence, **Análise de Conteúdo**, 1977.
- BUTLER, Judith, **Problemas de Gênero**, Editora Imagem Virtual, RJ. 2003.
- COELHO, Paulo Vinicius, **Jornalismo Esportivo**, Rio de Janeiro, RJ. 2003.
- DICIO. **Dicionário Online de Português**. Disponível em <https://www.dicio.com.br/representatividade/#:~:text=Significado%20de%20Represe,ntatividade,da%20qual%20ela%20%C3%A9%20escolhida>. Acesso: 22 nov. 2020.
- FERNANDEZ, Barbara Santo Olalia, **Mulheres jornalistas no meio esportivo televisivo: estudo de caso movimento #deixaelatrabalhar no instragan**, Monografia de conclusão de curso, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG. 2019.
- FORNAZARI, Emmanuel. **Assessora do Operário é vítima de assédio verbal pós-jogo em Irati**. Disponível em <https://www.netesportecolube.com.br/operario/5867/assessora-do-operario-e-vitima-de-ofensas-pos-jogo-em-irati>. Acesso: 19 set. 2020.
- FREIRE, Alex, **A mulher na editoria esportiva de Ponta Grossa**, Trabalho de conclusão de curso, Ponta Grossa, PR. 2017.
- GOMES, Letícia. **'Deixa Ela Trabalhar': jornalistas se unem em campanha contra assédio. Entenda! Purepeople**. Disponível em https://www.purepeople.com.br/noticia/-deixa-ela-trabalhar-campanha-contra-assedio-reune-jornalistas-saiba-mais_a221454/1. Acesso: 20 set. 2020.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE, **Assédio violência no ambiente de trabalho, Brasília**, DF. 2009.
- MORÉ, Carmem Leontina Ojeda Ocampo, **A "Entrevista em profundidade" ou "semiestruturada" no contexto da saúde**, SC.2015.
- PAIXÃO, Patricia, **Entenda a diferença entre nota, notícia e reportagem**. Disponível em <https://formandofocas.com/2015/12/14/entenda-a-diferenca-entre-nota-noticia-e-reportagem/>. Acesso: 22 nov. 2020.
- REIS, Santos e Rodrigues. **Renata Fan destaca a importância da dedicação e do estudo para atuar em jornalismo esportivo**. Disponível em:

http://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/80923/renata+fan+destaca+a+importancia+da+dedicacao+e+do+estudo+para+atuar+em+jornalismo+esportivo. Acesso: 21 set.2020.

REDAÇÃO. Jornalista do Operário é vítima assédio no Emílio Gomes.

Disponível em <https://dcmais.com.br/brasil/jornalista-do-operario-e-vitima-assedio-no-emilio-gomes/>. Acesso: 19 set. 2020.

REDAÇÃO. Assessora do Operário pede fim do assédio e respeito às mulheres.

Disponível em <https://d.aredo.info/esporte/207962/assessora-do-operario-pede-fim-do-assedio-e-respeito-as-mulheres>. Acesso: 19 set. 2020.

SAFFIOTI, Heleieth, **Gênero, patriarcado, violência**, Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, SP.2011.

SOBOLL, Lis Andrea Pereira, **Assédio Moral/Organizacional**, Editora Casa do Psicólogo, São Paulo, SP. 2008.